

PSICANALISE E SUBVERSÃO

Do Incomum Encontro Com Célio Garcia

Fernanda Otoni Brisset

Conheci Célio Garcia como todo mundo – uma referência incontornável para todo estudante de Psicologia tocado pela psicanálise, em que ele era uma estrela-guia. Em 1992, passei no concurso público para psicóloga no Tribunal de Justiça de Minas Gerais (TJMG). O Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), em 1990, exigiu que, onde houvesse processos judiciais envolvendo crianças e adolescentes, era preciso o parecer de uma equipe interdisciplinar. Fui lotada numa Vara de Família, e ali ninguém sabia o que fazer. Alguns estavam dando nós em processos, amarrando uns aos outros com barbantes. O Juiz que era meu chefe não me pediu para amarrá-los, mas para lê-los, com a tarefa de dizer a ele, nos casos de litígio, quem deveria ter a guarda das crianças. Li o processo, em cada texto uma história. Marquei entrevistas... pai e mãe e três filhos. Escutei cada um... cada um, uma versão diferente. Não tinha a menor condição de concluir sobre o melhor... tinha prazo para responder. Fui tomada de muita angústia. Fui ver Célio Garcia, que marcara para eu ir naquele mesmo dia, à noite. Disse a ele o que acontecia, minha angústia, cada um com sua verdade... e as verdades não coincidiam. Ele me escutou atento, me fez muitas perguntas... e ao final me disse. São ficções! Volte quando encontrar uma forma de resolver o que fazer com a demanda judicial, pois a verdade que te solicitam você não tem pra dar. No dia seguinte, recebi no tribunal um envelope pardo com um xerox de textos, de juristas latinos conversando sobre «A teoria das ficções de Jeremy Bentham» em espanhol... me pareceram absolutamente hieróglifos...

Um ano depois, em 1994, voltei convidando-o para participar de um primeiro seminário sobre psicologia jurídica na área de família que estávamos organizando no TJMG. Em cada mesa, planejamos sentar para conversar um juiz ou desembargador, um psicanalista e um de nós, psicólogo judicial. Cada um de nós apresentaria um impasse, aguardando que o jurista e o psicanalista ali nos ajudassem a ler e a resolver. A minha mesa foi composta com o desembargador José Fernandez Filho, quem autorizou o concurso público enquanto presidente do TJMG, e Célio Garcia. Escrevi um texto a que dei o título «Cada cabeça é uma sentença: o litígio estrutural do conjugal»...

Pois bem, depois de mim falou o jurista, tecendo as considerações pertinentes ao seu campo de competência; por fim, Célio tomou a palavra a partir do dito popular presente no título, «cada cabeça é uma sentença», não mais referido ao casal em litígio, como no impasse por mim proposto, mas à sua concepção da língua comum, referindo-se à justiça em si mesma: ele afirmou não haver a última verdade e questionou o estatuto da racionalidade da prova jurídica, considerando a norma como uma ficção jurídica e a justiça, um bem que se demanda porque não existe... Frases de Jeremy Bentham, Hans Kelsen, entre outros que não me lembro agora... E revirou o tecido da mesa, subvertendo a ordem jurídica estabelecida, sacudindo os pilares da lógica pericial e judicial, tirando as coisas do lugar onde pareciam viver bem instalados. Com sua lâmina afiada, abriu uma via inédita. Li aí um convite: ir além da demanda, das ficções discursivas e encarar o real em jogo, sem igual, em cada caso. Uma aposta subversiva. Nossa responsabilidade! As consequências institucionais foram ruidosas... e mais ainda em meu corpo, que tomou seu ato como um corte no esforço que me continha, aquele de seguir a ordem e de tentar fazer direito. Isso liberou a irrupção de uma causa herética, romper com a ortodoxia da moral e bons costumes, lá onde o desejo subverte.

Para mim, meu encontro com o Célio aconteceu aí, um encontro com a coragem, única, de autorizar-se a subversão do instituído quando encontramos com uma verdade que se impõe desde fora do discurso, em condições de se infiltrar no tecido do texto e inaugurar uma nova leitura, um novo contexto, um novo modo de ler e fazer com o mesmo de outra maneira. Foi dada a partida de um encontro para a vida toda!

Psicanálise e subversão são, desde então, o laço entre duas palavras que definem o meu encontro com Célio, e aposto que dizem também do seu encontro com muitos outros. Desde que leio Lacan, em mim mesma, pude saber que a experiência original da psicanálise está em falar para encontrar o vazio que revira a gente. *Não obturar essa fresta, mas assumi-la e elaborá-la: aí está todo o ensino de Lacan*¹. Mas *nenhum ensino fala do que é a psicanálise, então, como ensiná-lo?*² Célio não ensina psicanálise, ela está nele feita uma instalação permanente. Cava furos no dizer e o revira. Topar com Célio, presente, a cada vez, exigiu-me a entrega ao buraco instalado entre dois parceiros. Desse encontro, dou testemunho, cujas letras escrevem esta carta.

Une lettre, encore...

¹ MILLER, J.-A. Todos lacanianos! In: *Escisión, excomunió, disolución. Tres momentos en la vida de Jacques Lacan*. Buenos Aires, Manantial, p. 249.

² LACAN, J. A psicanálise e seu ensino. In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998, p.439.

Célio, meu querido,

Você não é um mestre. Longe de predicá-lo, diria que há em ti algo de um infrator. Aposta na indeterminação que determina; provoca reviravoltas no instituído, no discurso, na maestria e infraciona a ordem simbólica, tal como a vida que segue e se desdobra imprevisível, de tropeço em tropeço. Em nossos encontros, a porta de entrada nunca foi a da saída. Há reviramento!

A princípio, esse revirar me assustava muito. Sempre fui da pá virada e manter a vida nos trilhos sempre me foi custoso. Nosso encontro, desde o início, me desalinha, provoca o original... Mas seria ainda preciso um tempo para consentir com isso. Você parecia não ter pressa. Afinal, foi você quem disse: *Não carece esperar uma revolução ou conversão no espírito das pessoas, ruptura ou corte epistemológico de qualquer natureza, para que uma ação seja iniciada.*

E você seguia lá, na rua Santa Maria de Itabira, testemunha paciente e irredutível do meu desejo fora da linha ao qual você dava linha ao acolher minha desordem, como algo normal e comum. Nunca tentou colocar ordem nas coisas, costurar o desalinho; nunca me deu uma explicação. Provoca o dizer, fura os enunciados, parece dormir e abruptamente despertar com uma pergunta cirúrgica, um corte no blá-blá-blá, abrindo para outra via de investigação. No princípio, você me entregava uns xerox e depois nem isso mais. Torcia a língua para extrair do dizer o saber daqueles que escutamos: o litígio eterno enquanto dure um casal; os juízes demasiadamente humanos; o saber das crianças sobre a não relação dos seus pais e como cada um se vira com tal ausência; o saber do adolescente fora da lei e do louco infrator. Tomar esse saber como norte da bússola é uma escolha forçada na direção a algum lugar fora do mapa. Sua presença atenta e interessada está lá quando eu me autorizo a seguir adiante com a aposta, mesmo sem saber onde ia dar. Você participava dela como «*mais alguns outros*».

Você parecia não entregar nada. Lembro-me que eu chegava aí com angústias e saía esvaziada de saber, com a bússola apontada para o indeterminado. Mas saía com coragem! A angústia subvertida em coragem. Isto era um fato e não é nada pouco! Seu silêncio era o eco de um Allez!!! Seguir em direção a um lugar insabido, mas não desconhecido... Era só um lugar ainda fora do mapa. E para chegar lá é preciso consentir com o inesperado, o inusitado que acontece e subverte a ordem das coisas, fazendo romper, na estrutura da situação, o frescor de uma novidade.

A cada subversão da estrutura, Célio, você vibrava, sem nada dizer. Um despertar face à presença de uma força disruptiva que violava a ordem em cena, cavando um novo cenário. Assim, contei com você ao meu lado, enquanto o Pai-PJ acontecia diante de nós. O impacto do novo, por sua força de verdade, se afirma, se encarna e tem consequências infinitas, desde que louco tomou a palavra e sua língua se fez ouvir. Você franqueou a passagem a essa outra dimensão, lá onde habita a força política de um dizer, cuja responsabilidade é de cada um e de mais ninguém. Esse é um pequeno testemunho de como você me conduziu e a tantos outros a experimentar em sua prática a subversão possível como efeito lógico do fato de que o inconsciente é político. Sua ética, inarredável.

Ou seja, se não há concatenação entre os fragmentos que constituem o tecido inconsciente, se esses fragmentos são ecos do discurso do Outro que impactam o corpo falante, isto implica que o que está encadeado em certa ordem estrutural, seja ela qual for, por um golpe do real, um corte no sentido, por um forçamento do desejo, pode vir a desencadear um outro modo de se encadear. Há uma indeterminação em jogo que convoca o sujeito a participar da subversão da estrutura que o funda. Os efeitos dessa subversão se encarnam no tecido singular de um corpo falante que se autoriza desse acontecimento junto a mais alguns outros, rompendo com os predicativos classificatórios ao inaugurar um novo laço social, e por efeito, uma nova prática política coletiva. Ainda escuto sua voz: *Não há cadeia, só há conexão entre os elementos ou fragmentos.* A prática política, então, não é uma revolução e sim reviramento, efeito da eclosão de eventos que se engendram aleatoriamente e fazem advir um sujeito novo como resposta. Fazer-se testemunha desse acontecimento é uma orientação.

Por aí, você afirmar que o infrator se constitui em sujeito, por ocasião de seu ato; ele não sente culpa, pois seu ato é uma resposta, uma escolha forçada. Somos todos infratores. E o infrator sempre é confrontado a responder pela resposta que o constitui como sujeito. O tema da responsabilidade perde aí sua carga moral, seu invólucro jurídico, para encontrar sua instalação junto àquele que fala, cujo dizer tem a potência de revirar suas ficções e responder de outra maneira.

Somos todos responsáveis, não existem inocentes!

Essa evidência segue encarnada naqueles marcados pelo encontro com você. Eu a verifico em mim e em todos aqueles com os quais me encontro no cotidiano da clínica, nas instituições e fora dela. E desse lugar nunca mais pude arredar o pé! A força subversiva do dizer revira a tessitura histórica do texto que constitui o ser falante e abre a um novo modo de encadeamento e laço. É nossa aposta insubmissa!

Enquanto escrevo, escuto: o pro-jeto de Célio é um projétil! Não vamos depor nossas armas face aos impasses crescentes da civilização. O jovem infrator pensa. O louco infrator fala. Estamira cria, praticando sua filosofia. Há de haver lugar nesse mundo para os irregulares, e nós participamos dessa invenção, tal como o construtor de barracos. Seguimos nossa batalha contra a segregação, fazendo valer a ferrugem que nasce onde há interfaces. A favor da diversidade e contra o pensamento único, fazendo valer a potência da palavra e seu poder de corte e costura. Frequentamos o curral e tomamos a periferia como lugar de subversão, pois no centro o que ex-siste é o furo original; a gíria como uma invenção tenta dar conta do que transita no lugar periférico da linguagem e, por não entrar na norma, força sua expressão como uma infração. Porque há na língua uma insistência de violação. A prática política da psicanálise segue sua poética nos consultórios, na cidade, no curral, onde quer que a letra emergja como ilha de efração, de irregularidade. Esta outra *ditmension*, indeterminada, pode acontecer. Experimentamos esse acontecimento. Nossa ação política visa então ao achado e ao tropeço, suporte e vertigem da causa que desagua na experiência singular de cada um, cujo desejo é o norte, e o desejo é sempre fora da linha. Leio você: *O desejo é a busca de alguma coisa que está fora da normalidade da lei. O objeto real do desejo verdadeiro é sempre a afirmação de uma pura singularidade, através e para além da normalidade.*

Um dia, você se lembra?... tomei coragem e decidi fazer-lhe uma pergunta direta, logo para você que nunca me deu uma explicação: “Célio, queria te pedir uma dica: o que eu tenho que ler para ler Lacan?” Sem titubear, você me respondeu: *Leia Lacan você mesma.* Um jeito sutil de dizer: se vira, revire-se, subverta... leia você mesma.

E assim seguimos nossa vida, seguimos o que está fora do sistema, fora do mapa, [me inclui fora dessa], forçando a língua para que ela diga mais do que ela está a dizer. É preciso torcer a língua. Célio, você é um torcedor... Não ensina, mas torce a língua daqueles que lhe dirigem a palavra. E dessa torcida, surgiu o Selex e o Catu, dois projetos na cidade, marcados pela alteridade que leva em conta a palavra do jovem infrator, na construção de uma forma outra de convivência orientada pelo novo que acontece e não por regras.

E o novo é sutil!

A prática política da psicanálise subverte por saber fazer com a sutileza numa rede de redes, tal como acontece no Pai-PJ, no Catu, no Selex, na política de saúde mental etc. Lugares em cujos cantos ecoa – Célio Garcia: presente!

Queria, por fim, lhe dizer, mesmo que já o saiba, que nos momentos divisores de água em minha vida, sua presença e alguma palavra sua estavam lá... junto ao seu

silêncio que apazigua. Viver junto foi se tornando, nos últimos trinta anos, um convívio amigo, cada vez mais simples. Temos em comum o gosto pela subversão e crítica... às vezes, por demais! Matéria que sempre nos faz sorrir e apostar. Meu encontro com você marca no mapa de minha existência um antes e um depois. É subversivo; incomum, revira meu mundo e o reduz ao simples. Um sorriso. Nosso convívio, os queijos e vinhos compartilhados, pois além da Psicanálise e a subversão, temos o gosto de Paris na ponta da língua. Uma pausa para respirar.

Detenho-me transcrevendo a frase com que me despedi de você em uma das nossas últimas trocas de *e-mails*. Referia-me ao estatuto da felicidade possível, tal como a pudemos ler em Badiou e, sobretudo, em nós mesmos: “Alegria do finito e poder do infinito, nossa inspiração! Sem medo de ser feliz!”

Meu amor por você, Célio, segue vivo, sem palavras, sem saber... Como dependurar a saudade que sorri enquanto escrevo? Guardo comigo seu silêncio: Allez!!!

Carinhos, saudades...

Fernanda Otoni Brisset

Belo Horizonte, 12 de dezembro de 2022.